

## 2. Pedras romanas

Lê-se no *Bejense*, de 8 de Junho de 1897:

«Dizem-nos que nas torres da fortificação, encorporadas no edificio do extinto convento da Esperança e que estão sendo demolidas, tem apparecido pedras romanas magnificamente lavradas. Não será possível have-las para o Museu da Camara?»

## 3. Restos romanos do Azinhal

Pessoa de toda a confiança informa ao director do Museu Ethnologico Português o seguinte, em carta particular de 17 de Agosto do anno corrente:

«Ha dias soube ter apparecido nas proximidades do Azinhal (Algarve), quando se tratava de amanho a terra, vestigios de habitação, monumento ou cousa que o valha do periodo romano, segundo parece. Appareceram, ao que me informaram, alicerces em differentes direcções, grande porção de tijolos de barro vermelho e de diversas dimensões, e algumas, não poucas, moedas de cobre.

Procurando obter algumas d'estas, para melhor poder informar a V. , soube que o dono as tinha vendido a um comprador ambulante, conservando apenas duas ou tres, das quaes prometteu enviar-me uma, que ainda não chegou».

P. BELCHIOR DA CRUZ.

## O tumulo do Conde de Ariães

Em Maio do anno passado acompanhei, num passeio ao Castro de Avelãs, o sr. Lino de Assumpção, que depois publicou no n.º 64 do jornal d'esta localidade, *Norte Transmontano*, um artigo sobre esta digressão, do qual, com a devida venia, vamos transcrever o que diz respeito ao nosso tumulo, cujo desenho foi tirado á vista pelo meu amigo tenente Conceição, do estado maior de cavallaria, que obsequiosamente se prestou a isso, quando o convidei a ir visitar commigo os restos do mosteiro que se vêem na mesma povoação.

Eis o que lemos no artigo: «Á entrada da igreja, á esquerda, meio encravado num arco aberto na grossura de uma parede, e que evidentemente não foi construido para o fim para que o aproveitaram, está o sarcophago de granito do Conde *Ariães*, fallecido em 1262 (Era

de 1300). Na entrada do adro, sobre duas baixas hobreiras, que formam a porta do recinto fechado por um muro de pequena altura, ostentam-se dois felinos, um já sem cabeça, agachados e como que vergando a grande péso. Estes animaes tem, como o deus *Aerno* (*refere-se á lapide «Deo Aerno» que traz Viterbo*) soffrido varias classificações. Uns lhes chamam leopardos, outros pantheras e ainda outros, entre elles eu, leões. E não só o nome das feras tem variado, como tambem o seu primitivo destino e idade, havendo até quem as attribua aos tempos visigothicos!! Eu, porém, encontrêi-lhes o destino pondo-lhes o caixão em cima, o que me convidavam a fazer os seus dorsos rectos e com rebaixos apropriados. Verifiquei depois que não tinha encontrado novidade alguma na minha conjectura, pois li na *Benedictina Lusitana*: «Tem dentro (a igreja) um tumulo levantado sobre leões que, segundo dizem os naturaes, é do Conde de Ariães, terra junto ao mosteiro». A porta pois... estava aberta!

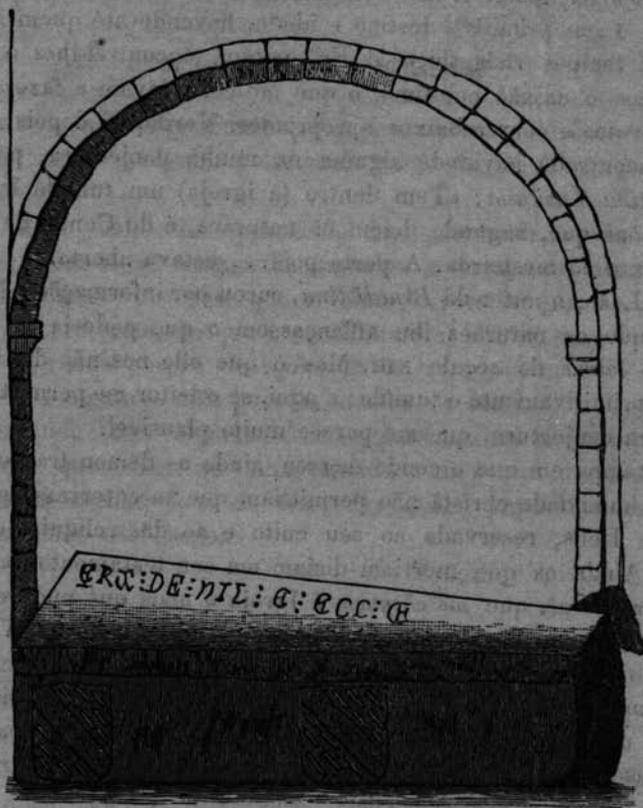
Fr. Leão, o autor da *Benedictina*, curou por informações. Não precisava que os naturaes lhe affiançassem o que poderia ter lido em grandes letras do seculo XIII. Mas o que elle nos não diz foi onde existiu primitivamente o tumulo; e aqui, se o leitor me permite, aventuro uma conjectura, que me parece muito plausivel.

No tempo em que o conde morreu, ainda as demonstrações publicas de humildade christã não permittiam que se enterrasse gente na casa de Deus, reservada ao seu culto e ao das reliquias dos seus santos. Ainda os que morriam diziam em seu testamento: «E peço-lhes por mercê, que *me cheguem á Igreja o mais que puderem*», segundo se lê num documento de Vairão de 1289, citado por Viterbo e corrigido na interpretação por J. P. Ribeiro. Portanto o tumulo não estava na igreja, onde lhe deu entrada o seculo XVII, mas sim numa especie de pequeno portico ogival, que ainda hoje existe, parecendo ser a base de uma torre, e que outr'ora existia *chegado á igreja*, mas sem ter communicação com ella.

Neste pequeno portico, composto de dois arcos de ponto subido, que fazem angulo recto com duas paredes cheias, e coberto de abobada, formada por arcos que se cruzam em ogivas, ha uma singularidade, e é que num dos cantos onde se encontram as paredes, e d'onde sae um dos arcos, a imposta está segura por grosseira mão de cantaria, que sae do grosso da alvenaria. Será um symbolo, uma tradição, ou uma simples phantasia do alvaneo?»

Completaremos a noticia sobre o nosso tumulo, acrescentando que a seu respeito contam os naturaes uma lenda, dizendo que o conde mandou matar, por uma futilidade, a mãe, lançando-a a dois leões; e

que em castigo foi mettido vivo dentro d'este caixão de pedra, conjunctamente com cobras, viboras, etc., pelas quaes foi devorado. Todavia, quer-me parecer que esta lenda é pura phantasia, filha da ignorancia, que a inventou por não saber explicar de outro modo a origem d'essas pedras que parecem representar leões. O conto não



passa, de certo, de uma historia de velhas, pois tudo concorre para mostrar que este sarcophago pertenceu a um grande senhor, que noutros tempos viveu por estes sitios, e que porventura prestou importantes serviços ao mosteiro. D'outra fórma não se explica a tradicional veneração que por elle tem havido, a ponto de o recolherem dentro da igreja.

Bragança, 1897.

ALBINO PEREIRA LOPO.